

O Jornalismo e suas disputas discursivas: os feminismos no jornal A Gazeta do Espírito Santo¹

Viviane Ramos Machado²
Centro Universitário FAESA
Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)

RESUMO

Marcado por disputas discursivas, o território do jornalismo dá visibilidade a discursos que os padrões culturais tornam invisíveis por sua normalidade e repetição. Ao veicular notícias que pautam o cotidiano da sociedade, o jornalismo se coloca como um lugar de construção discursiva. Partindo desse pressuposto, o presente artigo vislumbra entender como os discursos feministas foram construídos no território discursivo do jornalismo, em especial no Jornal A Gazeta, no período histórico de 1986-2016. Aqui, vamos apresentar uma análise quantitativa e qualitativa das pautas sobre o movimento feminista no jornal, que apontam uma diversidade na forma como a luta por direitos das mulheres é apresentada à sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo, discurso e feminismo.

O jornalismo é um fenômeno social, cultural e político que têm um papel importante na pauta de discussões da sociedade, embora sua hegemonia tenha sido colocada em questão a partir das novas configurações da sociedade, sobretudo das novas tecnologias de informação. Hoje, dá-se a oportunidade de qualquer um ser produtor de informação e ter público para tanto. As redes sociais surgem como uma ferramenta alternativa de veiculação e consolidação de discursos que circulam na sociedade. Da forma como está configurado, o jornalismo proporciona o acionamento de relações entre pessoas, ao tratar dos assuntos do cotidiano, além de se colocar como um espaço de disputa de poder, controle e hegemonia. Nele, discursos e narrativas têm a possibilidade de circular e se consolidar.

No desenvolvimento desta pesquisa, recorreremos ao aporte teórico de Foucault para entender o discurso e suas relações com o jornalismo. Partimos do pressuposto de que em toda sociedade a produção de discursos é controlada, selecionada, organizada,

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019. O presente artigo é um recorte da Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), em 2018, sob orientação da professora Ruth de Cássia dos Reis.

² Mestre em Comunicação e Territorialidades pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professora no Centro Universitário FAESA, em Vitória, ES, e-mail: vivianermachado@gmail.com.

redistribuída por alguns procedimentos que têm o objetivo de dominar o acontecimento aleatório. Ele não seria, portanto, responsável por manifestar ou ocultar desejos, mas o objeto do desejo, um fim em si mesmo. Além disso, trabalhamos com a proposição de que na sociedade há discursos que “são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer” (FOUCAULT, 2007, p.22). Isso acontece porque, segundo Foucault, discursos podem se tornar hegemônicos ou saírem de cena. Entre outras razões esse surgimento e esquecimento encontra, na contemporaneidade, forte contribuição do jornalismo. É assim que o jornalismo e as mídias em geral têm importante papel nessa dinâmica de funcionamento dos discursos.

As alterações operadas nos discursos que circulam na sociedade não são constantes ou absolutas. Não há uma divisão estabelecida entre os discursos fundamentais e criadores, e os discursos que são repetidos. Muitos textos se confundem, desaparecem ou mudam de forma. O discurso nunca é fruto de um acaso; há uma ordem para que ele seja tal como é, que antecede a sua materialidade (FOUCAULT, 2007). Nesta abordagem teórica, o discurso é tratado como uma prática descontínua, que se cruza por vezes, mas também se ignora ou se excluiu. Ele é definido como uma dispersão, formado por elementos que não são ligados por nenhum princípio de unidade, por esse motivo não é possível, ao analisar o discurso, identificar um único aspecto que o forma e tirar dali a sua intencionalidade pura.

A informação é apropriada pelo campo do jornalismo, que possui determinada autoridade, principalmente porque exerce influência sobre outros campos de produção cultural (BOURDIEU, 1997). A influência do campo jornalístico sobre os demais campos acontece também por causa da autoridade jornalística, pois é um lugar onde o que se diz tem valor de verdade, é reconhecido e aceitável socialmente. Embora tenha se perdido o prestígio, ainda há uma expressiva parcela da população que tem nos noticiários sua única fonte de informação, mesmo com o acesso a outros dispositivos. O jornalismo e suas práticas investem sentido sobre eventos banais e os transformam em acontecimentos singulares, dotados de relevância.

Territorialidade e jornalismo

No âmbito do programa de Pós-Graduação no qual essa pesquisa foi desenvolvida, o de Comunicação e Territorialidades, o jornalismo é visto como um

território. A territorialidade em questão são as disputas discursivas sobre as questões da sociedade que têm palco dentro do jornalismo. Mas o que são territorialidades? Para responder a essa pergunta, recorreremos a Martinuzzo (2016), que define territorialidade como

a experiência do território, que produz, renova, modifica, mantém, enfim, que engendra o lugar da existência humana, produzindo-a ao mesmo tempo. A territorialidade é a vida organizada num dado território, experiência que é dinâmica e permanentemente atualizada pelos movimentos sociais, econômicos, políticos e culturais. (MARTINUZZO, 2016, p. 10)

Os territórios são frutos de uma construção histórica, social e sempre vinculados a processos de apropriação e dominação de um espaço e de pessoas (SAQUET, 2015). Sob o nosso ponto de vista, os territórios da comunicação são compostos por plataformas de circulação, mensagens e códigos, sua linguagem e discursos, normas e procedimentos, meios e modos de produção usados em todo o processo comunicacional, que a todo tempo são disputados e apropriados. Entendendo as questões que permeiam tais territórios, podemos compreender de forma mais objetiva as experiências que são produzidas nesses espaços, ou seja, as suas territorialidades.

Feminismos

Dentro desse território de disputa discursivas, um questionamento que foi posto é de como os discursos sobre as lutas das mulheres, sobretudo do feminismo, foram tratadas no jornalismo. Aqui, porém, não tratamos do feminismo com uma definição unitária, uma vez que se trata de um movimento complexo, diversificado, com diversas raízes, construído no cotidiano e não tem um ponto de chegada determinado previamente.

O feminismo, por ser caracterizado como um processo de transformação, emerge com contradições avanços e recuos. Por esse motivo, neste trabalho, usamos a designação feminismo, mas estamos tratando de “feminismos”, uma vez que são muitas vertentes dentro desse movimento.

Como afirma ALVES e PITANGUY (1982), o feminismo é marcado por se organizar de forma descentralizada e recusar um direcionamento único, imposto a todas as militantes. Assim, é caracterizado pela auto-organização das mulheres em frentes múltiplas, em que podem expressar as próprias experiências. O feminismo rompe com

as relações de poder, com os modelos políticos tradicionais que atribuem neutralidade ao espaço individual. Isso quer dizer que o feminismo mostra que o sexo também é político. O que, afinal, pretendemos identificar nessa pesquisa é como essa multiplicidade de discursos estava sendo tratada nas páginas de um jornal de grande circulação no Espírito Santo, o jornal A Gazeta.

Coleta e análise de dados

O primeiro passo da pesquisa empírica deu-se pela busca e coleta de dados a partir das coleções digitalizadas do Jornal A Gazeta do Espírito Santo. As tecnologias digitais permitiram um acesso mais dinâmico, facilitando a exploração desse repositório de edições, que fizeram parte da história recente vivida pela sociedade. Na Rede Gazeta, empresa responsável pelo jornal que é objeto da pesquisa, estão disponíveis dois softwares de busca e armazenamento digital de todo o material produzido pelos veículos impressos. Ambos os programas, o Tark e o Shell, possuem a mesma base de dados e se diferenciam apenas na interface de busca. Neles, podemos pesquisar textos, fotos e arquivos em pdf; no entanto, para esta pesquisa utilizamos somente os arquivos de texto, porque a coleta deles é mais simples, uma vez que temos um período histórico extenso para analisar. Sendo assim, foram selecionados conteúdos e discursos presentes ao longo de 31 anos, entre 1986 e 2016, pois foi possível observar o comportamento do jornal em um período amplo em que muitas mudanças significativas aconteceram tanto na história, quanto no próprio veículo. Não foi possível analisar as imagens publicadas dentro das matérias, nem a importância relativa de cada texto nas páginas sobre os assuntos ligados ao feminismo, o que pode ficar como possibilidade para trabalhos posteriores.

O *Tark* e o *Shell*³ permitem acessar todo o material publicado a partir de busca a partir de termos que estão nas reportagens, de palavras chaves, categoria e de autor, em um período ou dia específico. Após a busca, a maior parte dos arquivos aparecem com o texto da reportagem na íntegra, a localização no jornal (editoria e página), o autor e o número da edição do dia (houve momentos em que o jornal A Gazeta circulava duas

³ Os dois softwares são administrados pelo Centro de Documentação (Cedoc) de Mídia Impressa da Rede Gazeta, onde está armazenado todo o conteúdo veiculado pelos jornais A Gazeta e Notícia Agora. Além disso, esses programas possuem uma infinidade de funções que não foram necessárias para o tipo de pesquisa que estamos realizando, focada nos textos. O acesso a esse repositório foi autorizado.

edições diárias). A pesquisa dentro de um repositório digital nos permite a aproximação a um conjunto de dados maior e mais complexo, que seriam muito difíceis de serem obtidos sem o suporte de uma plataforma. O desafio aqui é transformar essa extensa base de dados em um objeto analisável a ser interpretado por meio de uma ação humana. Por se tratar de uma edição diária, em 31 anos, pelo menos 10.950 edições foram publicadas.

Com o auxílio do *Tark* e do *Shell* fomos atrás desses textos que falam sobre os feminismos no jornal. Não sendo possível folhear todas as edições publicadas pelo jornal nesse período, recorreu-se ao uso de palavras chaves que puderam nos guiar nessa grande base de dados. Tais palavras foram escolhidas a partir da pesquisa histórica sobre o feminismo no Espírito Santo, a partir de palavras que são relevantes dentro do contexto do feminismo (como empoderamento, libertação, emancipação) e a partir de vestígios encontrados nas próprias matérias (como nomes de ativistas, grupos feministas, eventos, etc.). Destacamos também que outras palavras chaves seriam possíveis para identificar textos sobre os feminismos, mas estas não foram escolhidas neste trabalho, porque levantariam conteúdos que não possuíam relevância e tornariam a limpeza destes grandes dados ainda mais complexa. Um exemplo de palavra seria a busca isolada pelo termo “mulher”. Caso essa busca fosse feita, uma quantidade exorbitante de textos apareceria, mas a maior parte deles não estaria ligada necessariamente ao feminismo.

Após essa seleção pela busca de palavras chaves no período de 1986 a 2016, chegamos a um corpus de 1.029 matérias. Todas, de alguma forma, falam sobre o feminismo ou sobre as causas defendidas pelo movimento neste período, mesmo que as palavras “feminismo” ou “feminista” não estivessem presentes no texto de forma explícita. Para chegarmos às análises do corpus, além de usarmos as tabelas dinâmicas e gráficos do Excel, também recorreremos ao *Voyant*, aplicativo online e disponível gratuitamente.

Voyant

O *Voyant*⁴ é um aplicativo online, desenvolvido por pesquisadores de duas universidades canadenses - Stéfan Sinclair, da Universidade McGill (McGill University,

⁴ Disponível em <<https://voyant-tools.org/>>

Canadá), e Geoffrey Rockwell, da Universidade de Alberta (University of Alberta, Canadá), no qual é possível interpretar textos através dos códigos criados pela plataforma, por meio de análise de contexto, ocorrência e cocorrências de palavras, nuvem de palavras, visualizações que mostram a frequência e distribuição de termos em um corpus, entre outras possibilidades. Para começar, é preciso fazer o upload do texto desejado no site. O programa aceita arquivos de texto nos formatos do Microsoft Word, HTML, XML, PDF, RTF.

Neste trabalho, fizemos o upload do arquivo com todas as matérias coletadas, que totalizam 948 páginas no formato docx, da Microsoft Word, com 470.195 palavras no total e 36.821 palavras únicas, o que significa que mais de 36.821 mil palavras diferentes foram usadas em matérias sobre a temática feminista no jornal. O programa abre uma primeira página para exibir as possibilidades iniciais de análise, que oferece indicação de aprimoramento do banco de dados com, por exemplo, inclusão ou carregamento de stop words, procedimento que desconsidera termos sem relevância para a pesquisa, como algumas preposições, artigos ou pronomes.⁵

Depois de aplicar os filtros, chegamos à visualização da nuvem de palavras (Figura 1). Usamos a forma de visualização com as 155 palavras que tiveram mais ocorrência no arquivo. Identificamos que a palavra “não” foi a mais recorrente: ela foi usada 4.290 vezes ao longo do período analisado. A segunda mais citada foi “mulheres”, com 2.048 ocorrências; seguida de mulher, com 1877.



Figura 1 - Nuvem de palavras formada com corpus completo da pesquisa. Disponível em <<https://goo.gl/6pDNs3>>.

⁵ Nesse corpus escolhemos algumas das que mais apareciam do arquivo e que estavam dificultando o aparecimento de outras mais relevantes. Foram elas: a, ainda, ao, as, até, caderno dois, com, como, da, das, de, depois, do, dos, e, em, entre, essa, essas, esse, esses, isso, já, mais, mas, me, mesmo, na, nas, no, nos, nunca, o, os, ou, para, pela, pelas, pelo, pelos, por, porque, que, quem, se, sempre, seu, seus, sobre, sua, suas, também, ter, um, uma, umas, uns, à, às, é.

Linha do tempo e as pautas do movimento feminista em A Gazeta

Uma das possibilidades de análise quantitativa está na distribuição de matérias sobre feminismos ao longo dos anos no jornal. Dos 1.029 textos coletados, a maior parte deles está concentrada nas décadas dos anos 2000. Em 17 anos, ou seja, pouco mais da metade do corpus, foram 961 matérias, que correspondem 93% do total.

No Gráfico 1 é possível identificar uma tendência de crescimento no número de conteúdos publicados com a temática, no entanto, essa tendência não obedece a um padrão de crescimento definido. Isso quer dizer que há anos em que temos muitos textos e em outros já vemos um declínio da quantidade.

Para entender por que alguns períodos se destacam no Gráfico 1 em relação à quantidade de conteúdos publicados, vamos tentar entender o que aconteceu nesses anos em que a produção foi maior. Por esse motivo, vamos analisar somente os períodos de 1986 a 2000, quando a produção era muito baixa em relação a todos os outros anos; também serão levantadas as razões pelos quais os anos de 2000 a 2004; 2012; e 2015 a 2016 dispõem de mais conteúdo sobre os temas pesquisados. A partir desses conteúdos, vamos procurar relações entre o momento histórico vivido pelo país e o que o referido jornal listava como relevante a ser levado para seus leitores.

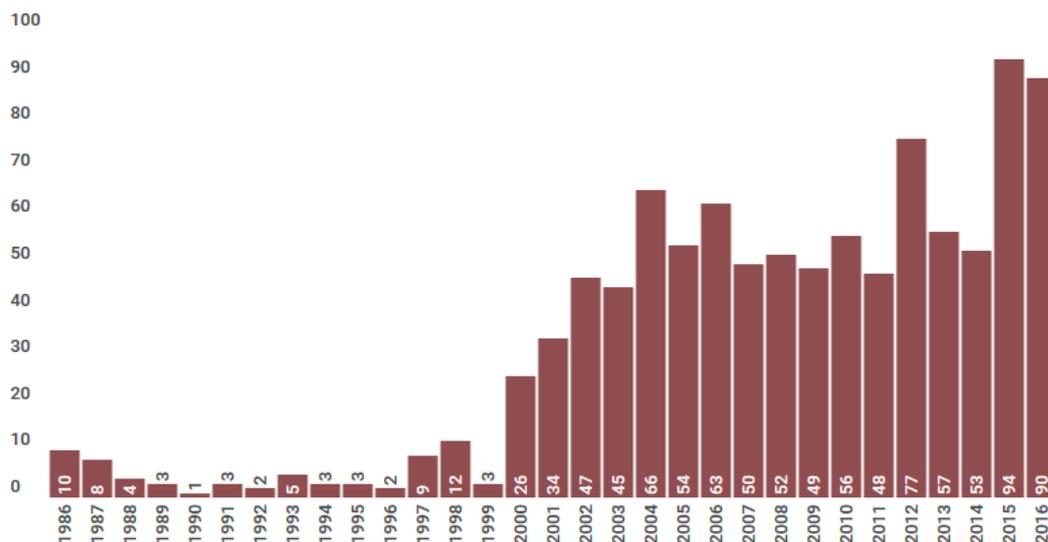


GRÁFICO 1 - Conteúdos produzidos pelo Jornal A Gazeta com temáticas relacionadas ao movimento feminista entre 1986 e 2016

Diferente da tendência histórica de estávamos observando, o número de conteúdos voltou a crescer. Depois dele, voltamos a seguir um número parecido com os

demais. Um novo crescimento só foi registrado em 2015. No Gráfico 2, apontamos esses picos de produção que analisaremos a seguir.

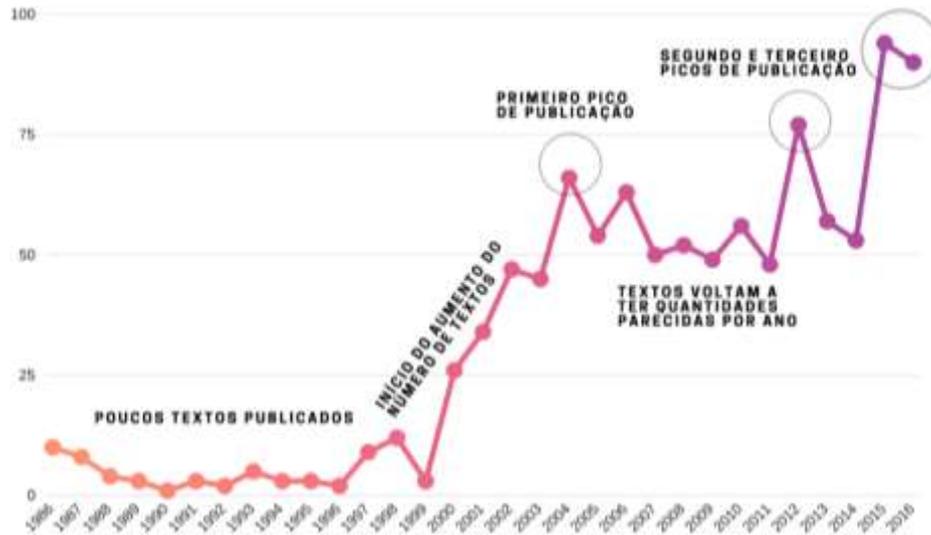


GRÁFICO 2 – Linha do tempo da produção jornalística sobre feminismo

Vale ressaltar que estamos levantando hipóteses sobre o que pode ter acontecido nesse período, já que a verificação delas implicam em outros métodos para confirmação que fogem do escopo deste trabalho, dedicado a entender o discurso presente sobre os feminismos no Jornal A Gazeta. Portanto, essas questões não serão respondidas categoricamente neste trabalho.

Editorias

Se levarmos em consideração todo o corpus da pesquisa, a maioria das matérias está no Caderno 2, cujos assuntos estão tradicionalmente ligados a temas de entretenimento e cultura. São 402 textos, dos 1029. Em seguida, aparece Cidades, que trata dos assuntos cotidianos do jornal, falando sobre a vida no estado, em cuja seção foram publicados 112 textos. Política ficou em 3º lugar das editorias com mais textos, Opinião e Mundo vieram em seguida, com 74 e 60 textos, respectivamente.

A partir das informações trazidas por essa análise também identificamos que, mesmo em menores quantidades, os termos relacionados ao feminismo estiveram presentes em praticamente todas as editorias do Jornal A Gazeta. As referências sobre o

assunto estiveram em editorias tanto ligadas aos factuais e notícias jornalísticas, quanto a espaços em que a predominância é a ficção e o divertimento.

Por meio destes dados apontados, compreendemos que, em relação às editorias, o tema do feminismo foi apresentado de maneira diversa, sendo emplacado em variados espaços do jornal. Apesar disso, a concentração dos textos nas editorias Caderno 2, Cidades, Política, Opinião, Mundo e Colunas aponta a forma como o feminismo está arranjado no jornal ao longo dos anos – a percepção de um movimento político com atuação internacional, que exerce influência sobre os assuntos cotidianos e das cidades, e que, sobretudo, está presente nas artes e nos produtos ficcionais de cultura e entretenimento. Além disso, revela-se como um movimento que proporciona o debate de opiniões acerca do tema, visto a presença significativa de artigos de opinião e ocorrências em colunas, que na maior parte das vezes trazem o ponto de vista do colunista (autor).

O Gráfico 2 permite tecer a análise das ocorrências do tema nas editorias ao longo dos anos. Selecionamos apenas as editorias com maior destaque dentro do corpus, com relação ao número de textos publicados.

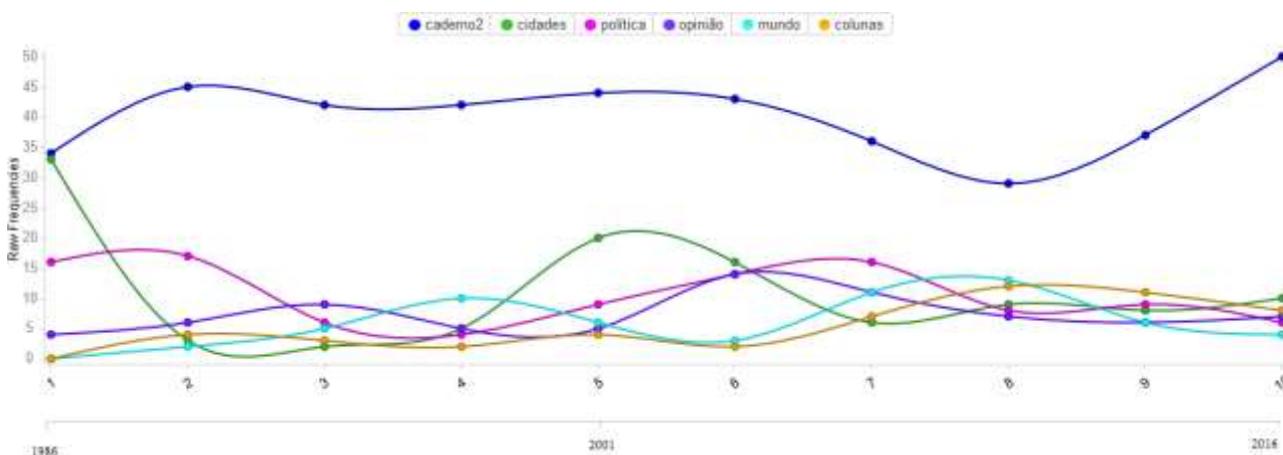


GRÁFICO 3 – Frequência de editorias dentro do corpus de 1986 a 2016⁶

Na imagem, observamos que a editoria Caderno 2 sempre ocupou uma posição de destaque ao longo dos anos, com uma alta frequência de publicação ao longo dos anos. Ao passo que a editoria de Cidades, que começa em alta, junto com Caderno 2, vai

⁶ Imagem extraída do *Voyant*, com o acréscimo de uma linha temporal, porque o programa toma o conjunto de textos como um único documento de texto e posiciona o gráfico na frequência de palavras dentro dele, não respeitando necessariamente uma linha temporal.

perdendo o espaço no corpus e passa a ocupar a mesma posição que as outras editorias mencionadas.

A partir do Gráfico 2, podemos inferir que, embora o feminismo seja considerado pelo jornal um assunto possível para suas editorias que lidam com o cotidiano, opinião e assuntos internacionais, a sua predominância sempre esteve nos assuntos ligados à cultura e entretenimento. A iniciativa feminista é vista com maior força nesses espaços e ganhou narrativas sobre questões culturais e conteúdos ficcionais, embaladas em textos que atraem a atenção rapidamente de leitores interessados. A abordagem neste tipo de conteúdo nos indica que as produções ficcionais, eruditas ou não, se interessam mais fortemente pelas questões feministas e acabaram por inseri-las no jornalismo.

Os anos entre 1986 e 2000

Os primeiros 15 anos da análise foram marcados por uma quantidade reduzida de matérias, se compararmos com o total de textos coletados. De 1986 a 2000, foram publicadas 94 matérias. A quantidade chama atenção por corresponder somente a 9% do total. As matérias estavam distribuídas principalmente em duas editorias: Cidades e Caderno 2. Foram 30 textos na primeira e 29 no segundo. Em terceiro lugar, aparece a editoria de Polícia, com 14 textos.

Já em relação às palavras chaves que buscamos, notamos que a que mais se destacou entre 1986 e 2000 foi feminista, seguida de feministas. Ou seja, o termo teve bastante uso na identificação das matérias. Outros termos também aparecem em destaque, como “movimento”, “mulher” e “feminismo”. Partindo para uma busca mais profunda, observamos alguns assuntos que tiveram visibilidade, tais como o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, criado em 1985 como um órgão vinculado ao Ministério da Justiça, cujo objetivo é promover políticas que eliminem a discriminação contra a mulher, além de assegurar a participação feminina em atividades políticas, culturais e econômicas do país⁷. Os textos associados a esse termo são engajados nas causas do feminismo brasileiro, como a participação das mulheres na elaboração da Constituição Federal, criada nesse período.

⁷ Informações do Ministério da Justiça. Disponível em < <http://www.spm.gov.br/assuntos/conselho> >

Com relação aos textos publicados no período, vemos muito engajamento político de mulheres feministas. Em 1986, por exemplo, a primeira matéria sobre o assunto é de Política e fala sobre o partido PMDB (recentemente renomeado para MDB) no Espírito Santo, que pretendia fazer uma reciclagem na sua estrutura e acolher lideranças de diversos grupos sociais, entre eles “os movimentos femininos”. Neste texto, temos apenas uma citação. Já uma outra matéria, na editoria de Polícia, registra-se que um grupo feminista, do Centro Integrado da Mulher, se uniu para protestar contra a discriminação da mulher na sociedade. Em um texto do mesmo ano, também se falou sobre a participação da mulher na política, o que evidencia a preocupação do movimento de se inserir em assuntos que poderiam mudar a vida da população, sobretudo das mulheres. Nela, há também a divulgação do Encontro Estadual da Mulher, previsto para acontecer naquele ano.

No primeiro ano analisado, foi comum encontrarmos uma participação ativa das mulheres como entrevistadas sobre assuntos relevantes, como saúde, educação e segurança pública, e a luta pelos direitos das mulheres. Nos registros, uma matéria chama a atenção: “Feminista alega que mulher é discriminada pela sociedade”, o que demonstra a demarcação do tema logo no título, apontando as lutas do movimento feminista em dois parágrafos de conteúdo. Nos anos seguintes, as abordagens são semelhantes, o feminismo é pauta de textos com temáticas sobre violência contra a mulher, direitos das mulheres, “protesto de ex-maridos cansados de pagar pensão”, e “protesto de mulheres sobre questões cotidianas e divórcio”. É nesse período que se começava a esboçar questões que, mais tarde, seriam mais elaboradas e levadas à diante a partir dos anos 2000.

2000 – 2004

Na nossa linha do tempo traçada pelos textos extraídos do Jornal A Gazeta, a partir dos anos 2000 vemos o número de matérias crescer em uma velocidade maior do que a experimentada nos 15 anos anteriores. Em 5 anos foram 218 textos. Certamente, existem fatores que influenciaram essa mudança de comportamento do jornal em relação às suas pautas, se compararmos com anos anteriores. Na história do movimento feminista, o ano 2000 foi marcado pelo surgimento de uma “nova onda do feminismo”. Segundo Miklos e Cunha (2016), foi neste ano que surgiu a Marcha Mundial das

Mulheres, um movimento feminista internacional que reuniu mais de 5 mil grupos de mulheres de 159 países. A Marcha foi uma ação conjunta contra a pobreza e a violência sexista. “Essa ação teve como função trazer o feminismo popular e militante de volta às ruas, o que impulsionou as mulheres a darem continuidade à marcha não como uma campanha, mas como um movimento permanente”. (MIKLOS; CUNHA, 2016). No Jornal A Gazeta, a Marcha Mundial também foi tema de conteúdos publicados, seja em notícias sobre manifestações do grupo no Espírito Santo, seja em artigos opinativos.

A maior parte dos conteúdos ligados ao feminismo no período de 2000 a 2004, no entanto, estava majoritariamente no caderno de cultura e entretenimento do jornal – Caderno 2 e Revista da TV –, nos quais foram encontrados 113 textos, dos 218. Política e Opinião também tiveram destaque, com 27 e 18 unidades informativas, respectivamente. Embora se vivesse um período de movimentação política e social do feminismo no país, a maior parte dos conteúdos estava em espaços que tradicionalmente são mais dedicados a produtos de ficção e diversos. Isso pode acontecer pela tendência de recurso à arte como forma de expressão de minorias, uma vez que esses espaços apresentam maior liberdade para se falar de assuntos que em outros territórios não são legitimados. Além disso, diz muito sobre a forma como o Jornal A Gazeta pautou a temática dos feminismos no período.

Em relação às palavras chaves buscadas, notamos o aparecimento, ainda que tímido no volume total de textos, de outros termos relevantes, como o Cfemea (Centro Feminista de Estudos e Assessoria), que foi responsável por emplacar algumas matérias no período. O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, visto no período anterior, continuou a aparecer nas pautas levando a questão política das reivindicações das mulheres para o debate. A palavra “libertação” também surge nesse momento do corpus e sugere o embalo dado pelos movimentos feministas sobre o pedido de liberdade feminina. Em alguns textos inclusive, fala-se da libertação da mulher a partir da arte, o que demonstra que o conteúdo localizado no caderno de cultura igualmente estava engajado com os propósitos feministas.

Os anos de 2012, 2015 e 2016

A partir dos apontamentos inferidos através de uma leitura do Gráfico 1, que mostrou quantitativamente os textos publicados em A Gazeta ao longo dos anos, vimos

que após o aumento expressivo de textos nos anos 2000, aconteceu uma estabilidade no número de publicações sobre feminismo nos anos seguintes até chegarmos em 2012 (Gráfico 2).

A maior parte dos textos com o feminismo de 2012 estava no Caderno 2 do jornal, assim como observado em outros períodos. Apesar disso, chamou a atenção o fato de a editoria Mundo, destinada a assuntos internacionais, ocupar a 2ª posição em relação às editorias daquele ano. Isso foi motivado por algumas situações que aconteceram no mundo envolvendo ativistas do movimento e que ganharam repercussão na mídia mundial. Uma delas foi o episódio envolvendo uma banda de punk feminista russa, a Pussy Riot, que teve três integrantes condenadas a dois anos de prisão por vandalismo, ao cantarem uma espécie de “oração punk” em um altar de uma catedral. Nesse mesmo ano, o grupo feminista Femen⁸ também teve destaque no jornal. As ativistas realizaram manifestações em vários locais do mundo, incluindo o Vaticano, local com característica mais conservadora católica em relação a diversos assuntos, sobretudo o aborto. As mulheres do Femen também foram notícia em outras editorias, principalmente, porque brasileiras que fazem parte do grupo realizaram manifestações no Brasil.

Em 2015, quando o número de textos começou a crescer novamente, repetindo o feito de 2016, observamos uma característica semelhante a 2012. Isso porque o movimento feminista voltou a ganhar força no país, principalmente com a efervescência da atividade de entidades feministas na internet. Foi nesse ano que surgiu a campanha divulgada por meio das hashtags #MeuPrimeiroAssédio e #MeuAmigoSecreto, em que muitas mulheres relataram as situações de assédio sexual e moral já vividas. Também tivemos e a aprovação da Lei do Feminicídio, que torna esse tipo de homicídio crime hediondo. A ONG brasileira Olga⁹ destacou alguns fatos marcantes do ano fizeram com que a temática do feminismo tivesse mais menções na internet e na mídia tradicional. Alguns dos assuntos mencionados pela ONG podem ser encontrados em matérias de A

⁸ Femen é um movimento internacional de mulheres que começou na Rússia e atualmente tem sede em Paris. Segundo o próprio grupo, as ativistas costumam protestar com os seios à mostra e com coroas de flores. O corpo é usado como forma de expressão. Informações no site do grupo: www.femen.org.

⁹ A Olga é uma ONG feminista criada em 2013, com o objetivo de empoderar mulheres por meio da informação. Site do grupo: www.thinkolga.com.

Gazeta no ano de 2015. São eles #MeuPrimeiroAssédio, Mulheres no Enem; #MulheresContraCunha; #AgoraÉqueSãoElas; #MeuAmigoSecreto.

Conclusões

Os discursos presentes no jornalismo são objetos simbólicos, que produzem sentidos e possuem papel fundamental na formação de sujeitos e na construção da memória a ser partilhada no futuro. Fazer uma travessia por mais de 30 anos de história de um jornal é uma tarefa que permite desvendar modos de configuração de uma sociedade que já se transformou e nos possibilita refletir sobre contextos anteriores e que influenciam ativamente no presente. Encontramos um discurso feminista ora diversificado, ora estereotipado no corpus selecionado. Enquanto uma parcela significativa de textos dedica-se a discutir ideias e pontos de vista do feminismo, a contestar padrões que não condizem com a realidade das mulheres, a fomentar a luta por direitos iguais entre homens e mulheres; outros se limitam a reproduzir um discurso machista e uma redução do papel da mulher apenas na esfera doméstica, alheia às questões políticas e sociais. O corpus analisado apontou a forma como o feminismo esteve arranjado no jornal ao longo dos anos – a percepção de um movimento político com atuação internacional, que exerce influência sobre os assuntos cotidianos e das cidades, que está presente nas artes e nos produtos ficcionais de cultura e entretenimento, e que proporciona o debate de opiniões sobre o tema.

Nas situações negativas, identificamos demonstrações de preconceitos, discriminações e culpabilização de vítimas, em casos de violência física ou simbólica que muitas mulheres sofrem. Há uma reprodução de discursos que reforçam a idealização da figura da mulher e o direcionamento de atitudes que supostamente seriam as corretas, lançando mão de uma luta básica dos feminismos em geral que é a liberdade. A reprodução de afirmações machistas, que presumiam que a mulher deveria agir de forma submissa, também foram encontradas no jornal; principalmente nas falas de entrevistados. Mesmo sendo minoria dentro do corpus, tais ocorrências destacam problemas evidentes e denunciados pelo feminismo cotidianamente, ao passo que também contribuem para reforçar discursos semelhantes na sociedade, que desvalorizam as reivindicações feministas.

As leituras quantitativas do corpus também evidenciaram a presença de textos engajados, que reproduzem uma imagem próxima ao que representa a luta feminista, de exigência de direitos, de opinião sobre os assuntos cotidianos, de participação política e da mulher como figura ativa nas tomadas de decisões que influenciam a vida das pessoas. Ao fim do percurso teórico, bem como das análises acerca da temática, percebemos o desafio de se construir um jornalismo que se preocupa em produzir textos que tenham clareza sobre as questões de gênero, que não reproduzam preconceitos, e que não reforcem as relações de desigualdade entre homens e mulheres. Vivemos um momento histórico, embalado pelas novas tecnologias de informação, de efervescência dos movimentos sociais (incluindo os feminismos), que questionam paradigmas, que apresentam suas pautas e geram discussões a respeito de suas causas e lutas. É preciso construir um jornalismo que atue junto na luta pelas minorias e que use a influência que ainda exerce sobre os cidadãos para levantar questões que durante séculos foram apagadas dos discursos da sociedade para que sejam fortemente combatidos e que conduzam a mudanças no curso da sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo?** São Paulo: Brasiliense, 1982.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão, seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 15. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

MIKLOS, Jorge; CUNHA, Maria Aparecida Ledura. **Feminismo e ecologia da comunicação na Marcha Mundial das Mulheres.** Líbero: São Paulo, v. 19, n.38, p. 81-90, jul./dez. 2016.

MARTINUZZO, J. A. Territorialidade: o que é isso? In: MARTINUZZO, J. A.; TESSAROLO, M. **Comunicação e Territorialidades:** As pesquisas inaugurais do primeiro Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Espírito Santo. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Comunicação Social, 2016.

SAQUET, Marco Aurelio. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades.** Rio de Janeiro: Consequência, 2015.